

MIGRAÇÕES GERMÂNICAS - RECEPÇÃO E AUTOPERCEPÇÃO NA REPÚBLICA FEDERAL DA ALEMANHA¹

Martin Lindner²

Nils Steffensen³

Resumo

Durante séculos, Armínio foi um ponto central da recepção alemã da antiguidade e uma figura fundadora que foi apropriada por vários lados. Com o fim da Segunda Guerra Mundial e as transformações subsequentes em uma Alemanha dividida, "Hermann, o Alemão" parecia ter perdido a base de sua legitimação. Nosso dossiê irá delinear a mudança do papel de Armínio e da história germânica na República Federal até os dias atuais (incluindo algumas observações sobre a efêmera República Democrática Alemã). O foco será no filme como criador e portador de uma imagem popular, a utilização da perspectiva de atores estatais e a posição das tribos germânicas no currículo escolar.

Palavras-chave

Armínio; Hermann, o Alemão; História germânica; nacionalismo; consciência histórica; filme; escola.

¹ Tradução de Jéssica Bustolin – Mestre em História Antiga pela Universidade de São Paulo. E-mail: jessica.brustolim@usp.br

² Professor Sênior de História Antiga – Georg-August-Universität Göttingen, Göttingen, Alemanha. E-mail: martin.lindner@uni-goettingen.de

³ Professor Sênior de História Antiga e Didática da História – Europa-Universität Flensburg, Flensburg, Alemanha. E-mail: nils.steffensen@uni-flensburg.de

Abstract

For centuries, Arminius was a focal point of the German reception of antiquity and a founding figure who was appropriated from various sides. With the end of World War II and the subsequent transformations in a divided Germany, 'Hermann the German' seemed to have lost the basis of his legitimisation. Our dossier will outline the changed role of Arminius and Germanic history in the Federal Republic up to the present day (including some observations for the short-lived eastern Democratic Republic). The focus will be on film as creator and carrier of a popular image, the utilisation from the perspective of state actors and the position of the Germanic tribes in the school curriculum.

Keywords

Arminius; Hermann the German; Germanic history; nationalism; historical consciousness; film; school.

1. Introdução

Durante séculos, a formação da identidade alemã e a autopercepção como nação foram dominadas por uma imagem da antiga Germânia que pode ser rastreada até a recepção humanista da Germânia de Tácito e de Veleio Paterculo (Muhlack, 2006; Krebs, 2011; Winkler, 2016). O "culto germânico" foi propagado até o "Terceiro Reich" e a Segunda Guerra Mundial marcaram um ponto de virada na história do estado e da identidade alemães (von See, 1994; Idem, 2001; Puschner, 2001). Para falantes nativos modernos, há uma distinção clara que é fácil de ignorar em sua tradução para o inglês: "germanisch" é igual a "germânico antigo", enquanto "deutsch" denota "alemão moderno". Doravante, usamos 'germânico' não para sugerir um grupo homogêneo ou traços germano-germânicos herdados (cf. Steuer, 2004), mas como um termo coletivo para a população antiga da região em vez de uma alternativa. Nesse sentido, nossa contribuição examina a posição dos povos germânicos na consciência histórica da República Federal da Alemanha de 1949 até os dias atuais a partir de três perspectivas:

Primeiro, nosso artigo olha para o filme como criador e portador de uma imagem popular. Nas décadas do pós-guerra, algumas produções lutaram para se distanciar do legado nazista, enquanto outras reutilizaram versões "limpas" de antigos filmes de propaganda. A mudança no mercado de televisão (privada) alimentou o desejo por uma "nova" reavaliação cinematográfica da história germânica. O retorno global do filme épico clássico na década de 2000 ou, em nível nacional, o aniversário da Batalha de Varo (Batalha da Floresta de Teutoburgo) em 2009 como um evento de mídia trouxeram mais transformações.

Em segundo lugar, nossa contribuição avalia a utilização da perspectiva de atores estatais. O estudo da história antiga regional foi impulsionado pelas descobertas em Kalkriese e pelos esforços para determinar a localização da Batalha de Varo. O foco aqui era menos nos interesses nacionais do que no patriotismo local, na pesquisa de hobby e na lógica da promoção de um produto.

Em terceiro lugar, analisamos a posição das tribos germânicas no currículo escolar. Até o Nacional-Socialismo, o ensino da história das tribos germânicas servia para criar uma identidade nacional. Nos dias atuais, novos paradigmas substituíram objetivos antigos. Os currículos e os livros didáticos visam questões de coexistência em uma sociedade multicultural, interdependência por meio do comércio e uso de autoimagens e imagens de outros.

Ao analisar o estado atual da recepção germânica na República Federal da Alemanha em seu contexto histórico, nossa contribuição demonstra o potencial

político da antiguidade para a Alemanha moderna, mas também como ele é determinado por conjunturas políticas.

2. Armínio nas telas

Nos primórdios do cinema, i.e., desde o final do século XIX, o meio tinha a reputação de atração de parque de diversões. Material clássico foi usado para melhorar essa imagem, especialmente a partir dos anos 1900. Na Alemanha, no entanto, não houve grandes produções até a Primeira Guerra Mundial que pudessem rivalizar com filmes monumentais como o italiano *Cabiria* (1914) ou o estadunidense *Intolerance* (1916). Os povos germânicos eram mais o tipo de material que era exibido nos palcos do teatro alemão. O desenvolvimento foi ainda mais desacelerado pela Primeira Guerra Mundial e suas consequências.⁴

2.1. Filmes pré-1945: narrativas fracassadas

Foi somente em 1924 que dois filmes mudos muito diferentes foram lançados: *Die Hermannschlacht* (A Batalha de Hermann) sinalizou autenticidade por meio de suas locações. A maioria das cenas foi filmada na região ao redor de Detmold, que na época era considerada o local da Batalha de 9 d.C. Em sua execução, no entanto, o filme pareceu antiquado. Em pouco menos de uma hora, ele contou seus cinco atos como uma peça de teatro. O diálogo e os trajes germânicos pareciam algo saído de uma performance ruim de uma ópera de Wagner. *Die Hermannschlacht* deveria ser salvo por uma analogia política contemporânea que se tornou cada vez mais flagrante no curso do processo de produção: as legiões romanas foram equiparadas aos ocupantes franceses e belgas da região do Ruhr; a recontagem da revolta de Armínio pretendia motivar a resistência em 1924 (cf. Winkler, 2013). No entanto, um acordo foi fechado logo após a estreia, encerrando a ocupação no verão de 1925 e fazendo o filme perder seu último ponto de venda. Fritz Lang foi mais bem-sucedido com sua duologia *Die Nibelungen*, que foi superior em termos de feitura, estética e marketing. O conto neomitológico sobre Siegfried e a queda dos Nibelungos foi bem-sucedido ao se basear mais fortemente na saga medieval e também ao se afastar dos usos tradicionais do estilo nas representações da história germânica (cf. Levin, 1998; van Laak, 2007).

Em todo caso, a tendência contemporânea era em direção a conceitos culturais pan-germânicos ou ur-nórdicos. Isso adquiriu uma dimensão completamente

⁴ Várias das seguintes informações e observações básicas podem ser encontradas com mais detalhes em dois artigos mais antigos de M. Lindner (Lindner, 2020; Idem, 2013).

diferente quando os nacional-socialistas chegaram ao poder (cf. von Goldendach e Minow 1994). Uma versão curta do épico de Fritz Lang com música foi lançada nos cinemas em 1933. No entanto, os novos governantes tinham um retrato diferente da história em mente. Vários membros da liderança se distanciaram da "Teutomania", que era percebida como embaraçosa, e buscaram modelos em Esparta, Roma, na Idade Média alemã ou em uma vaga pré-história nórdica/ariana⁵. Inicialmente, os filmes existentes – especialmente para uso em escolas e outras instituições educacionais – foram dublados novamente e cenas adicionais foram adicionadas. Novas produções foram adicionadas a partir de meados da década de 1930. O objetivo principal era reforçar a narrativa de uma conexão entre terra e pessoas que existia desde o início da história humana, a partir da qual se desenvolveu uma retórica cada vez mais radical que poderia até ser usada para justificar o imperialismo defensivo, as guerras de conquista e o genocídio (Stern, 2015).

Ewiger Wald (Floresta Eterna) de 1936 até fez uma tentativa de "poesia popular" cinematográfica: o filme viaja pela história da Alemanha desde o começo dos tempos até o presente, comentada apenas por um narrador em versos, mas sem mencionar nenhum nome. As cenas de Armínio só podem ser reconhecidas como tal se o espectador tiver conhecimento prévio dos eventos de 9 d.C. O foco está na batalha real, que é vencida mais pela floresta e pelo clima como aliados naturais dos alemães/povo germânico. *Ewiger Wald* foi um fracasso, apesar da enorme quantidade de financiamento e apoio de propaganda (cf. Linse, 1993; Zechner, 2006). No entanto, o filme é um exemplo de como Armínio, como uma figura individual com alguns traços problemáticos – traição de Varo, morte nas mãos de seus próprios seguidores, etc. – perdeu sua função na recepção nacional da antiguidade. Desde o início da Segunda Guerra Mundial, outros conteúdos cinematográficos dominaram de qualquer maneira, acima de tudo comédias projetadas como uma distração ou paralelos modernos de narrativas de resistência.

2.2. 1945–2024: omissão, substituição, irrelevância

Após a Primeira Guerra Mundial, houve um atraso de vários anos antes que a indústria cinematográfica alemã começasse a se recuperar. Na Alemanha Ocidental, mesmo os estúdios maiores nunca conseguiram chegar perto de competir com Hollywood. O conteúdo produzido era principalmente comédias, farsas românticas, thrillers policiais e, mais tarde, o ocasional filme de guerra

⁵ Criando um intercâmbio autoestabilizador por meio da influência e do impacto na pesquisa no campo da Filologia Clássica, Arqueologia e História Antiga; cf. Leube e Hegewisch, 2002; Focke-Museum 2013; sobre o contexto mais amplo, consulte Wiwjorra 2006.

(mundial). O desenvolvimento da televisão também estava apenas gradualmente ganhando força. Na Alemanha Ocidental, o núcleo consistia em estações regionais financiadas publicamente que formavam uma espécie de federação. Um segundo canal em todo país só foi criado em 1963. Foi somente na década de 1980 que as estações comerciais foram autorizadas. Na República Democrática Alemã, o cinema e a televisão permaneceram sob controle estatal de qualquer maneira (Hickethier, 1998).

As tribos germânicas e, com elas, Armínio eram um tópico que quase ninguém queria tocar, em ambas as partes da Alemanha, quando se tratava de fazer novos filmes. Devido à falta de alternativas, alguns filmes supostamente inofensivos das décadas de 1920 a 1940 ainda eram usados no início – especialmente para fins educacionais. Na Alemanha Ocidental, as novas produções emergentes tendiam a se concentrar na história local: Alamanos, (*Alamanni*), Suébios (*Suebi*) e Baváros (*Baiuvarii*) em vez de "os povos germânicos". Na República Democrática Alemã, Espártaco era visto como a melhor alternativa para uma narrativa de resistência contra o imperialismo romano. No entanto, a indústria cinematográfica não estava disposta ou não conseguia produzir sucessos de bilheteria correspondentes (cf. Hosfeld e Pölking, 2006).

Uma exceção na Alemanha Ocidental foi *Hermann der Cherusker*, que será discutido abaixo. Visualmente, o filme é claramente reconhecível como parte da segunda onda de filmes épicos clássicos que durou até meados da década de 1960, ou mais precisamente: da variedade europeia que ficou conhecida como *peplum*. A produção internacional (alemã, italiana e iugoslava) não foi exibida nos cinemas alemães até 1977, principalmente devido a disputas legais. Isso fez com que o filme parecesse ser de outro tempo e forneceu outro exemplo dissuasor do porquê Armínio foi incapaz de ganhar dinheiro na grande tela (cf. Lindner, 2013: 111–114). No entanto, resultou em uma paródia, também discutida abaixo, que se estabeleceu como uma espécie de filme cult.

A preferência por tópicos históricos locais ou história cultural e cotidiana mais geral continuou em filmes e documentários escolares. Onde houve uma abertura, ela ocorreu no sentido de adicionar novos aspectos, como o papel das mulheres germânicas, resultados da arqueologia experimental e história viva ou maior consideração da parte romana da pré-história alemã. Apenas algumas produções, como a minissérie *Die Germanen* (1984; cf. Lindner, 2020: 219–222), representaram narrativas mais conservadoras ou reacionárias e até usaram filmagens de filmes dos anos 1930 com novas trilhas sonoras. No entanto, isso foi mais sobre salvar a reputação das tribos germânicas como antepassados alemães do que revitalizar a história de Armínio como um exemplo individual heróico.

Após a reunificação alemã em 1990, outras narrativas estavam em demanda de qualquer maneira. Uma referência a Armínio não teria contribuído em nada para a autopercepção como o sucesso pacífico de um movimento popular de cidadãos comuns. Documentários sobre a chamada *Völkerwanderung* (com certos tons de "migrações tribais" que não podem ser reproduzidos em traduções como Migrações Bárbaras) ocasionalmente usavam terminologia e motivos do movimento *völkisch* alemão do século XIX e início do século XX (cf. Puschner, 2001). O contexto dos filmes, no entanto, era uma história de origem da e para a Europa, em vez de uma para um estado-nação específico. *Held der Gladiatoren* (Herói dos Gladiadores; cf. Lindner, 2013: 120–121) é uma das poucas exceções e pode, na melhor das hipóteses, ser visto como uma adaptação parcial da narrativa de Armínio - mais sobre isso abaixo. Como piloto de uma série que nunca foi produzida, o filme se tornou apenas mais uma entrada na longa lista de exemplos malsucedidos.

2009 poderia ter trazido uma reviravolta graças ao bi-milênio da Batalha de 9 d.C. Na verdade, as poucas produções que foram feitas provaram ser de sucesso limitado, em parte porque as dimensões cada vez mais internacionais do marketing secundário foram severamente limitadas devido ao assunto. Exemplos individuais que tentaram um foco centrado na pessoa em 'Armínio versus Varo' também são discutidos abaixo. Na verdade, no entanto, mesmo aqui uma grande proporção do tempo de execução foi dedicada aos resultados da escavação, reconstruções técnicas e possibilidades de localização da batalha, ou seja, mais para questões concretas do que adoração ao herói. Depois de 2009, sequências individuais foram às vezes reutilizadas, por exemplo, em um documentário sobre a descoberta de um campo de batalha do século III na Alemanha central, para o qual 9 d.C. foi usado como comparação. A atenção já limitada dada a Armínio foi, portanto, ainda mais reduzida por tal condensação. Apenas como um aparte: até mesmo o parque arqueológico de Kalkriese, onde a grande maioria dos estudiosos acredita que os eventos de 9 d.C. estão localizados, agora se anuncia como o local da "Batalha de Varo" (ver seção 3).

2009 provou ser um fogo de palha para Armínio em produções cinematográficas e televisivas alemãs. O fato de o tópico estar recebendo mais atenção novamente através da série mais recente da Netflix se deve, não menos importante, à natureza internacional do projeto, que tenta imitar formatos de sucesso mundial. Antes que isso possa ser categorizado em conclusão, os três estudos individuais exemplares a seguir servirão para ilustrar os desenvolvimentos descritos.

2.3. Ecos of Hermann: estudos de caso

Filmes, especialmente produções maiores para exibição em cinemas ou serviços de streaming de hoje, são obras de arte comerciais. Uma das receitas mais simples para o sucesso é replicar padrões e conteúdo que já fizeram sucesso em outros filmes. Atualmente, parecem ser principalmente narrativas de super-heróis, mesmo que sua popularidade pareça ter passado do zênite. Na década de 1950, foi o conteúdo bíblico, mitológico e histórico antigo que alimentou uma segunda onda de filmes épicos clássicos originários dos EUA. Em termos de quantidade, as produções europeias, muitas vezes mais baratas, logo substituíram suas predecessoras. Entre todos os filmes de Hércules e Cristo que estavam sendo lançados nos cinemas com frequência crescente, havia uma demanda por material que pudesse ser realizado de forma semelhante e ainda tivesse um certo ponto de venda exclusivo (cf. Lindner, 2020).

Hermann der Cherusker pertence aos últimos anos desta era. Sua fórmula é familiar a centenas de filmes da época: um diretor e escritor italiano, locações na Iugoslávia, um ator americano (razoavelmente) conhecido como o antagonista romano, um ator local como seu adversário, uma trágica história de amor, cenas de ação intercambiáveis, uma ênfase exagerada na seriedade e historicidade do que é mostrado, etc. A narrativa é quase teleologicamente orientada para a batalha de 9 d.C., mesmo que esta última não seja encenada muito heroicamente e seja surpreendentemente curta, principalmente por razões orçamentárias. O diabo está nos detalhes, por exemplo, na escalação do herói local, não com um dos atores *peplum* internacionais conhecidos, mas com a estrela alemã do *heimatfilm* Hans von Borsody, que também desempenhou um papel central no remake de *Die Nibelungen* (1966/67; cf. Samblebe 2007). *Hermann der Cherusker* compartilha com muitas outras produções de *peplum* uma narrativa fundamental bastante genérica com uma moral subjacente de que a opressão da liberdade nunca pode ser positiva e permanente. Em contraste, a mensagem no final da versão dublada em alemão é mais específica: graças a Armínio, Augusto reconheceu os limites de seu poder, e 9 d.C. marca, portanto, a retirada, de fato, de Roma da Germânia livre.

Se o filme finalizado tivesse sido lançado nos cinemas alemães em 1965/66, como planejado, ele poderia ter esperado se misturar às massas de filmes semelhantes. Em 1977, no entanto, ele estava competindo, por exemplo, com o primeiro filme *Star Wars*, e parecia amador e barato em todos os aspectos. Portanto, não é de surpreender que a paródia de 1995, *Die Hermannsschlacht*, ironicamente se comercialize como a terceira grande adaptação cinematográfica do material, depois igualmente incômodo filme mudo de 1924 e *Hermann der Cherusker*. A paródia quebra a quarta parede metafórica várias vezes para abordar o público sobre como cada recontagem heróica do material inevitavelmente ressoa com ecos de uma tradição que, em uma inspeção mais detalhada, deve parecer ultrapassada ou até mesmo ridícula hoje em dia.

Held der Gladiatoren foi concluído em 2003 como um filme de TV para a emissora de televisão alemã RTL. A ideia foi mais uma vez uma cópia de fórmulas de sucesso, desta vez da terceira onda de filmes épicos clássicos. No centro do filme está o herói fictício Germano (*Germanus*), um ex-soldado que foi injustamente escravizado. Ele tem que lutar para chegar à liberdade na arena, enquanto ao mesmo tempo vinga a morte de um membro da família – Máximo, de *Gladiador* (2000), é o modelo óbvio. O filme dá uma guinada quando Germano é transportado para sua terra natal germânica como um gladiador – embora o cenário principal, *Augusta Treverorum*, estritamente falando, seja parte da Gália Bélgica. Ao cruzar para sua terra natal, Germano sente uma conexão com o país e é dominado pelo sentimento de estar destinado a ser o defensor da liberdade. Neste momento, a liberdade é caracterizada principalmente como libertação pessoal, mas por sua vez é associada à luta pela liberdade de seus amigos/parentes. Esta não é a única maneira pela qual elementos de Máximo e Armínio fluem juntos. Quando Máximo, em *Gladiador*, relembra, ele se vê passando a mão pelas espigas de grãos em sua terra de cultivo. Germano, por outro lado, sente a conexão em contato com seu solo nativo cru, que ele experimenta – correspondendo às condições climáticas da batalha de 9 d.C. – em uma chuva torrencial. O fato de o diretor, nascido na Grécia, alegar ter buscado uma narrativa messiânica não torna as semelhanças com o misticismo de sangue e solo da primeira metade do século XX menos alarmantes.⁶

O documentário em duas partes *Kampf um Germanien* (Batalha pela Germânia) foi produzido para as emissoras públicas alemãs ZDF e ARTE em 2009 por ocasião do bi-milênio. O resultado é exemplar para um punhado de tentativas semelhantes do mesmo período: por um lado, o filme pretende apelar e entreter, razão pela qual depende fortemente de cenas de jogo e da oposição pessoal entre Armínio e Varo. Por outro lado, ele se esforça para lidar com o "lastro" nacionalista da recepção anterior por meio de entrevistas de especialistas ou comentários do narrador. A sequência final demonstra o quão difícil é conciliar os dois: primeiro, a morte de Armínio é enquadrada no contexto da rivalidade aristocrática como o principal obstáculo à unidade alemã até o século XIX. Isso é seguido por um voo espetacular de drone ao redor do monumento de Armínio perto de Detmold, que não se encaixa muito bem com o comentário do narrador sobre a apropriação indébita da história. A conclusão final, dita sobre imagens dramáticas do filme, é igualmente idiossincrática: uma luta contra uma potência ocupante nunca é repreensível. Armínio pode não ter sido um herói, mas ele era

⁶Ironicamente, um dos mais influentes apoiadores da ideologia do sangue e do solo, Richard Walther Darré, também se interessou por narrativas cinematográficas ingênuas, como o seu projeto favorito *Altgermanische Bauernkultur* (A Antiga Cultura Agrícola da Alemanha); cf. Lindner 2020, 213-216; ver também Gies, 2019.

um gênio militar e, em sua natureza dilacerada, uma figura moderna que ainda tem muito a nos ensinar hoje.

Uma produção para a televisão infantil alemã, de todas as coisas, consegue uma alternativa muito mais coerente e sem agitação: um episódio de *Bibliothek der Sachgeschichten* (Biblioteca de Histórias, 2005) reconta os eventos de 9 d.C. com bonecos Playmobil e um tom levemente irônico. O resultado enfraquece as tendências à heroização que, entre outras, *Kampf um Germanien* evoca com suas cenas dramáticas de brincadeira. Além disso, o episódio *Bibliothek der Sachgeschichten* enfatiza por meio de muitos pequenos indicadores que o que é mostrado é tanto uma estória quanto história.

2.4. Conclusão

Quão relevante é Armínio no cinema alemão? Provavelmente ainda menos hoje do que na era pré-1945, que já não era particularmente bem-sucedida. Essa conclusão pode ser uma surpresa, dado que a série *Barbarians* da Netflix está em sua segunda temporada enquanto essas linhas são escritas. No entanto, o contexto é crucial aqui: *Barbarians* é modelado em programas semelhantes, como *Vikings* (2013–2020) ou *Britannia* (2018–2021), que foram projetados para (também) atrair um público internacional. *Barbarians*, aparentemente, foi um sucesso nesse aspecto. As reações expressas, por exemplo, por espectadores estadunidenses indicam que até mesmo o uso do alemão moderno como um sinal de autenticidade para a história germânica pode funcionar até certo ponto. Na própria Alemanha, por outro lado, a popularidade da série é relativamente limitada. A ironia de que o ator principal é austríaco e que sua noiva Thusnelda é interpretada pela filha de pais franco-alemães dificilmente será percebida por muitas pessoas de qualquer maneira. No entanto, tudo isso se encaixa bem com o padrão acima mencionado de uma realidade de produção bastante internacional, que deixa pouco espaço para apropriação nacionalista. Neste sentido: se a narrativa funciona, ela o faz como Armínio, o Herói, não como Herman, o Germânico.

3. O discurso ‘germânico’ na política e na esfera pública

‘Pode nunca ter havido um povo que se autodenominasse “germânico”’ (W. Pohl, citado em Schmauder e Wemhoff, 2014: 14). Esta declaração é um produto da pesquisa moderna. Até meados do século, teria sido quase inconcebível, mas então o fim da Segunda Guerra Mundial anunciou uma ‘ruptura na continuidade’ (Wolters, 2006: 116).

3.1. A mudança de paradigma pós-1945 e as perspectivas contemporâneas

Com o colapso de 1945 e a divisão da Alemanha, o significado político de qualquer herança ou memória germânica evaporou. Novas pesquisas sobre etnogênese rejeitaram a ideia de um povo alemão homogêneo que pudesse ser rastreado até suas "raízes germânicas" (particularmente relevante: Wenskus, 1961). A figura de Armínio como defensor das tribos germânicas contra a agressão romana foi despojada de sua idealização, em parte contra a resistência feroz de "entusiastas germanófilos" (Losemann, 2008: 259). O Monumento Hermann em Detmold se tornou um destino turístico; como um potencial "Memorial para a Reunificação" (Moosbauer, 2009: 114), encontrou pouca ressonância. O mito de Armínio apenas reteve algum potencial de mobilização em círculos nacionalistas e de direita ou mesmo extremistas (Losemann, 1995: 428–432; Idem, 2008: 262; Hinz 2023: 91–168).

No entanto, Armínio e os povos germânicos ainda estão presentes na consciência pública. Recentemente, Hagen Schulze e François Etienne classificaram os Queruscos (*Cherusci*) entre os locais memoriais (*lieux de mémoire*) alemães de importância nacional (cf. Doyé 2001). Qualquer instrumentalização política das tribos germânicas e Armínio continua sendo um fenômeno marginal (Vieregge, 2011). O Estado não está mais usando a ideologia germânica para criar uma identidade nacional. Uma avaliação científica recente desconstruiu explicitamente a "ideia de um povo germânico, frequentemente ligada à construção cientificamente infundada de uma linha direta de tradição para os alemães de hoje" (Schmauder e Wemhoff, 2020: 14). Mesmo que não haja dúvidas de que as tribos germânicas fazem parte da história alemã, qualquer popularização sem provas discerníveis de rigor científico não pode mais ganhar reconhecimento. Quando Jürgen Rüttgers, então Ministro Presidente da Renânia do Norte-Vestfália, escreveu sua introdução à exposição sobre a Batalha de Varo, suas observações seguintes podem ser tomadas como representativas da nova imagem das tribos germânicas: que "não apenas conflitos e confrontos militares" caracterizavam o relacionamento entre as tribos germânicas e os romanos; "mas também múltiplos contatos comerciais e atividades de assentamento e, finalmente, considerações sociais e religiosas", por meio das quais "os mais diversos pontos de referência entre o passado distante e o presente" (Rüttgers, 2009: 14) se tornaram visíveis e utilizáveis.

3.2. Kalkriese: a evidência arqueológica

Hoje em dia, o sítio arqueológico de Kalkriese é o ponto focal de qualquer recepção germânica e arminiana, superando até mesmo o monumento de Hermann perto de Detmold. Séculos de disputa sobre a localização da batalha de 9 d.C. levaram à identificação (ou autoproclamação) de mais de 700 candidatos. As descobertas perto de Osnabrück, no canto noroeste da Alemanha, a partir de 1987, pareciam fornecer a conclusão tão esperada. Independentemente dos objetivos científicos dos estudos germânicos, a 'Batalha de Varo' agora se tornou o centro do interesse público. Em relação à interpretação das descobertas, no entanto, a clareza pode nunca ser alcançada. Assim começou um debate renovado e extremamente emocional que levou a um renascimento da pesquisa amadora e revelou uma ampla gama de motivos por parte de todos os envolvidos.

Como resultado, Armínio e as tribos germânicas se tornaram uma marca política e econômica. O fascínio da 'Batalha de Varo' não se deveu apenas ao "triunfo criminalístico" (Timpe, 1995: 13). Era consistente com a lógica do marketing de mídia que as descobertas científicas se tornassem relevantes principalmente por meio da atualização do mito germânico (Moosbauer, 2012; Jürgens, 2009). Sem a conexão com sua popularidade anterior, que havia estabelecido motivos como liberdade, unidade, autodeterminação e autoafirmação como defesa contra o estrangeiro, Kalkriese provavelmente nunca teria se tornado um destino turístico de sucesso (Timpe, 1999: 733-734). Quando o termo 'celebração de aniversário' foi criticado por acadêmicos na ocasião do bi-milênio dos eventos de 9 d.C. (por exemplo, Wiegels, 2007), apelos por uma abordagem mais prática foram recebidos apenas com resposta limitada (Moosbauer, 2009: 115). O *VARUSSCHLACHT im Osnabrücker Land gGmbH – Museum und Park Kalkriese* se tornou o principal agente de comercialização, utilizando sem hesitação o mito para comercializar a região de *Osnabrücker Land*, ligando-a à região onde o sítio foi encontrado.

A 'Batalha de Varo' também foi politizada em nível regional e estadual. Desde seu estabelecimento sob ocupação britânica em 1947, a Renânia do Norte-Vestfália tem sido um estado em busca de identidade. O país foi criado como uma combinação de regiões historicamente muito diferentes e anteriormente independentes. As descobertas feitas em Kalkriese trouxeram os rivais na região de Lippe para a cena, que reivindicaram Armínio e a 'Batalha de Varo' para si. Ambos os lados, Lippe e Osnabrück, fizeram campanha para conquistar o governo estadual. Foi somente por meio de intervenção ministerial que a cooperação foi finalmente alcançada para o bimilênio. Em questões relacionadas a Armínio e ao local da batalha, ambas as regiões estavam "dispostas a lutar e se sacrificar" (Horn, 2012: 424).

Em nível nacional, a ‘Batalha de Varo’ ganhou relevância por declarações de políticos de alto escalão, como o Chanceler alemão, o Presidente do Parlamento Europeu e dois primeiros-ministros. Ao vincular o evento a motivos como liberdade, resistência e heimat (LWL-Römermuseum em Haltern am See, 2009, 12-16), eles evocaram uma tradição secular de instrumentalização histórica. O que era novo era que eles renunciavam a qualquer tipo de nacionalismo. Em vez disso, eles enfatizavam a ideia europeia, que eles associavam aos eventos. O contexto político havia mudado, mas não o apelo do evento histórico. Ficou claro que o potencial das tribos germânicas e de Armínio ainda estava intacto, apesar das descontinuidades históricas dos tempos recentes.

3.3. Kalkriese: museu e parque arqueológico

O Museu de Kalkriese é certamente o mais importante divulgador do assunto para o público.⁷ Ao fazê-lo, ele expressamente faz referência à dimensão política do mito de Armínio e estiliza a ‘batalha’ como um lugar de anseio na história alemã: ‘Quase nenhum outro evento histórico alimentou a identidade alemã e o nacionalismo alemão de tal forma quanto a Batalha de Varo. Quase nenhum outro local histórico foi tão avidamente procurado nos últimos 500 anos quanto o campo de batalha deste conflito lendário’ (Museum Kalkriese). Isso dá a impressão de que a identificação do campo de batalha marca o fim da busca pela identidade alemã.

O museu reivindica autoridade científica para a categorização da batalha: ‘A única coisa que ajuda nesse sentido são os fatos científicos. [...] Há muitos argumentos a favor de Kalkriese como um local da histórica Batalha de Varo’ (Idem). O museu está cheio de elogios por sua relevância científica como uma instalação científica supostamente renomada nacional e internacionalmente: ‘Trabalhamos e conduzimos pesquisas no local, em cooperação com várias outras instituições de pesquisa. A ciência está em um estado constante de fluxo, velhas certezas exigem questionamentos constantes, novos métodos oferecem novas oportunidades de pesquisa. A pesquisa em Kalkriese está em movimento – e continua emocionante’ (Idem).

Na realidade, a escala das atividades científicas da instituição é menos impressionante. Até agora, as novidades anunciadas sobre a pesquisa atual não se materializaram, assim como os novos desenvolvimentos prometidos da própria escavação. Passeios de aventura e festas de aniversário para crianças demonstram o caráter de evento do museu. O canal do Instagram enfatiza a

⁷ Para uma descrição detalhada do conceito das exposições, que foi reorganizado em 2002 e expandido em 2009, ver Guyer e Gigon, 2009, bem como Derks et al., 2009.

arqueologia experimental, cujo objetivo é visualizar a história. Os “*Roman Days*” e várias formas de reconstituição supostamente dão vida ao passado. O museu fornece materiais didáticos para visitas de classes escolares, algumas das quais buscam abordagens modernas de propedêutica científica, mas, de outra forma, abordam questões históricas apenas de forma limitada. A alta frequência de eventos não pode mascarar o fato de que a produção científica da instituição administrada pelo *VARUSSCHLACHT im Osnabrücker Land gGmbH – Museum und Park Kalkriese* dificilmente é inovadora. Em vez disso, o local foi estabelecido como um lugar para encenar a história como um evento.

4. Arminio e o sistema escolar alemão

O ensino de história na escola tem uma influência eminente na cultura da história como um fórum crucial para o aprendizado histórico metodologicamente controlado fora da academia. O Estado constitucional democrático define a estrutura institucional por meio de currículos que definem o conteúdo, tópicos e objetivos das aulas. Central para a prática de ensino atual é o indivíduo, cuja (auto)responsabilidade pessoal e autonomia dentro de uma sociedade liberal devem ser desenvolvidas e fortalecidas (por exemplo, Sandkühler et al., 2018; Fenn e Zülsdorf-Kersting, 2023). O objetivo do ensino de história é desenvolver uma consciência histórica reflexiva, a capacidade de desconstruir e construir a história de forma independente, o que deve fornecer orientação no presente e equipar os alunos para ações futuras (Jeismann, 1978; Idem, 1979; Idem, 2000).

4.1. Conteúdo germânico no currículo

Embora as tribos germânicas fossem parte integrante das aulas de história antes de 1945 (Sievertsen, 2011; Idem, 2013; Hinz, 2023), elas perderam muito da sua relevância como tema nos dias de hoje. Seu significado didático restante é essencialmente duplo: abordar processos de aculturação e desconstruir mitos. Espera-se que os alunos avaliem os efeitos do imperialismo romano nas províncias, interpretem a relação entre romanos e tribos germânicas como encontros interculturais e avaliem os efeitos da provincialização. Além disso, pede-se que eles analisem as transferências culturais entre conquistadores e conquistados - e a determinar o significado dos movimentos migratórios na região germânica no final do Império Romano Ocidental. Outra tarefa é problematizar o caráter construtivo dos termos "germânico", "romano" e "bárbaro", considerando a interação entre a atribuição interna e externa. Os currículos estabelecem um elo direto com a história alemã moderna por meio

da figura de Armínio: a desconstrução de mitos nacionais deve ser aprendida usando-o como um estudo de caso. Sua antiga proeminência como *exemplum*, no entanto, foi perdida. Armínio agora aparece ao lado de figuras históricas como Che Guevara, Frederico Barbarossa, Frederico, O Grande, e Bismarck.

Esses requisitos do programa refletem uma mudança que começou na década de 1970. Até então, o ensino de história tinha se concentrado em um tipo de "construção interna da nação". Agora, como consequência de duas Guerras Mundiais perdidas e do descrédito da ideia nacional, a criação de identidade e legitimação do Estado, bem como o cultivo de narrativas históricas românticas, deram lugar a outras questões: ensino orientado a problemas voltado para o mundo cotidiano e os interesses dos alunos (Sandkühler, 2014; Rohlfes, 1988; Bergmann, 2016: 14–19). Essa mudança resultou em novas prioridades quando se tratou de tematizar as tribos germânicas e Armínio. A idolatria da "resistência" contra "ocupantes estrangeiros" é substituída pela análise de atores históricos e seus objetivos. O conceito coletivo étnico de "povos germânicos" é examinado por meio de uma avaliação consciente do método de fontes literárias antigas. Alegações anteriores de que as tribos germânicas eram parte da história nacional da Alemanha são desconstruídas. O tratamento do material na escola agora está completamente focado em questões que são essenciais para o desenvolvimento de uma consciência histórica reflexiva.

4.2. Conteúdo germânico em livros escolares

Os objetivos curriculares não são de forma alguma os mesmos que as aulas reais. No entanto, os livros didáticos escolares, o 'principal meio de ensino de história' (Rüsen, 1992: 237), podem fornecer informações sobre o conteúdo da prática de ensino.

As reformas acima mencionadas trouxeram uma reconsideração de como representar as tribos germânicas também em materiais didáticos, mas as descobertas arqueológicas em Kalkriese anunciaram mais um ponto de virada (Sénécheau, 2012; Onken, 2017). No momento, as seções "germânicas" sobre conteúdo germânico tornaram-se uma parte indiscutível dos livros didáticos escolares novamente – com foco particular no relacionamento germânico-romano. Os livros didáticos de história abordam explicitamente a perspectiva tendenciosa das fontes romanas, seus estereótipos e interpretações, que criaram um dualismo de "os romanos" e "as tribos germânicas". De forma e escopo semelhantes, eles descrevem as interações germânico-romanas. O impacto do Império nas províncias germânicas dificilmente é contestado, mas o foco está mais na importância dos contatos comerciais mútuos e do intercâmbio cultural. Ambos os lados parecem ter se beneficiado do que era essencialmente um relacionamento conflituoso, que havia sido neutralizado – se não superado – pelo comércio e pela cooperação. Apesar de todas as diferenças entre os

romanos e seus equivalentes germânicos, manifestadas em seu modo de vida, cultura e organização política, um status igual de ambos os povos é enfatizado. Nesse sentido, os livros didáticos adotam um tipo de perspectiva decolonial.

Ao abordar o assunto por meio da compreensão da história como uma construção, do desenvolvimento de habilidades metodológicas, da consciência da alteridade e do confronto com problemas essenciais, os livros didáticos estão alinhados com os objetivos integrais da didática atual da história e dos requisitos curriculares. O pano de fundo político para essa tematização específica é o conceito de uma sociedade multicultural. Isso se refere à República Federal como um país de imigração, bem como aos debates sobre migração e *leitkultur* que têm ocorrido em torno da autoimagem nacional dos alemães desde o final da década de 1990, no máximo.

Em contraste, Armínio não se beneficia particularmente do que pode ser chamado de renascimento germânico. Antes elogiado como um dos pais fundadores da Alemanha, suas ações são hoje contextualizadas sem qualquer pathos ou reivindicações nacionais. Elementos recorrentes são análises críticas de fontes sobre as causas da derrota de Varo, comparações entre o caráter de Varo e Armínio e o impacto histórico da batalha na expansão romana na região. Outro ponto-chave da representação do sujeito é sempre o problema de como localizar o local da batalha. Os livros didáticos apresentam discussões científicas aprofundadas sobre achados arqueológicos, frequentemente combinadas com uma introdução a estudos críticos de fontes.

Além disso, os livros didáticos enfatizam o mito moderno de Armínio. Eles problematizam as construções do conceito germânico e da nação alemã que começaram com a recepção humanista de Armínio. A instrumentalização moderna do Queruscos é amplamente confinada ao século XIX, às Guerras de Libertação, mas acima de tudo à fundação do Império Alemão sob Bismarck. Cronologicamente, os retratos discutidos não se estendem além do Nacional-Socialismo. As interpretações atuais e pop-culturais de Armínio nos discursos atuais sobre a nação e a sociedade alemãs dificilmente aparecem.

4.3. Ensinando sobre Armínio: um estudo de caso

Buchners Kolleg Geschichte (Schulte and Stello, 2017: esp. 123–129) é um livro didático de história destinado a alunos do ensino médio. No nosso caso particular, o assunto é a ‘ideia de uma nação’. A gênese da nação e o nacionalismo são discutidos tanto em relação à Alemanha quanto à Europa. O mito de Armínio é usado para problematizar que, por muito tempo, a origem da nação alemã foi rastreada até um herói fundador.

A seção começa com uma breve introdução a Armínio e à Batalha de Varo. Isso é seguido por várias passagens curtas dedicadas à recepção do príncipe Cherusco. A frase de Tácito sobre Armínio como o "libertador da Germânia" é rejeitada com base em que, (1) o ano da batalha, 9 d.C., não foi um ponto de virada na história, e (2) a "resistência contra os ocupantes" não era uma "questão para o povo" - mas uma questão para a elite germânica, que viu seus interesses dominantes ameaçados. A etnia germânica é identificada como um "termo estrangeiro" de origem romana. Por sua vez, o surgimento de "alemão" como um conceito está ligado à recepção da Germânia de Tácito. Vários parágrafos então descrevem a recepção humanista de Armínio e traçam a dinamização do mito de Armínio nos séculos XIX e XX, identificando tendências nacionalistas e *völkisch* na ciência e na política como as forças motrizes. Os autores demonstram a maior objetividade possível com base na expertise científica moderna. Eles lamentam que o conceito de povos germânicos, que foi caracterizado como academicamente insustentável, ainda esteja em uso. Além disso, eles rejeitam qualquer conceito de identidade germânico-alemã e desidealizam rigorosamente o papel histórico de Armínio. Embora seja admitido que o Cherusco impediu uma ocupação romana de toda a região germânica, os autores imediatamente se esforçam para minimizar esse feito, destacando a influência contínua de Roma na região. Retratados dessa forma, as tribos germânicas e Armínio não possuem potencial para mobilização política. A pergunta 'Armínio - "pai fundador" dos alemães?' recebe mais do que apenas uma resposta negativa implícita.

A desconstrução do mito é continuada com base em várias fontes e nas tarefas correspondentes. Estas últimas pedem uma análise de trechos de Veleio Paterculo e da Germânia de Tácito para desmascarar as tribos germânicas como construções romanas, projetadas para propósitos políticos internos, e para demonstrar o valor limitado dos textos como fontes para a história germânica. Em contraste com este exercício de crítica de fontes históricas, os alunos recebem uma seção de um folheto sobre a inauguração do monumento Hermann. Eles também recebem fotos de um "desfile germânico" pelo centro da cidade de Detmold em 1909 e de um comício do NSDAP no monumento em 1928. A intenção é ajudá-los a elaborar a instrumentalização política do mito - "desde o momento de sua criação até os dias atuais". Como os textos dos autores formam a contextualização histórica, o resultado desta análise é determinado por implicação desde o início. O objetivo não é adquirir novas informações, mas confirmar o conhecimento previamente transmitido por meio da atividade do aluno.

No entanto, a oportunidade de compreender a "virada turística" do mito de Armínio e, assim, lançar luz sobre os atuais discursos alemães sobre identidade é perdida. O livro didático admite que introduz uma ilustração de "Zwermann,

o anão Cherusco de Hermannsland": um souvenir de plástico de 39 cm de altura produzido em Detmold em 2008, aparentemente modelado em um gnomo de jardim. A caricatura transforma Armínio de uma figura mítica em um símbolo da classe média baixa, refletindo assim a mudança de um mito político para um produto comercial apolítico. Os alunos, no entanto, não conseguem abordar a questão porque o livro não lhes fornece o conhecimento contextual necessário: o renascimento germânico de Kalkriese no entrelaçamento do patriotismo (local) e dos interesses econômicos regionais. Para os autores do livro didático, a instrumentalização de Armínio como Hermann só é relevante em conexão com o nacionalismo alemão. O fato de que o político também pode se manifestar na esfera não política é um ponto que escapou à sua atenção. A este respeito, *'Zwermann'* não só ilustra a irrelevância atual dos mitos nacionais anteriormente dominantes, mas também revela que Armínio já nem sequer é considerado útil para debates sobre a identidade alemã no presente.

4.4. Conclusão

Esta análise crítica do mito de Armínio também aborda requisitos centrais para qualquer ensino moderno de história em geral: somente aqueles que são capazes de compreender como um assunto específico foi moldado e enquadrado por tentativas de legitimação através da história possuem "maturidade histórica". Somente eles são capazes de fazer seu próprio julgamento ao encontrar interpretações históricas e refletir sua relevância moderna. Os livros didáticos atuais, no entanto, estreitam o escopo ao focar no humanismo e no século XIX, excluindo referências modernas e, portanto, o próprio ambiente e experiências dos alunos. Eles também deixam de levar em conta como a comercialização e o entretenimento despolitizaram o mito, muito menos a importância para a cultura da lembrança na República Federal da Alemanha. Não é a ausência de conteúdo germânico e Armínio na sala de aula, mas sua tematização que revela a descontinuidade da história alemã.

A recepção dos povos germânicos passou por uma evolução significativa, transitando da mitologização politicamente motivada na era do humanismo para presenças pop-culturais (pós-)modernas. Os requisitos curriculares pedem a substituição da apologia pela desconstrução. O mito germânico é, portanto, examinado como um fenômeno histórico, especialmente prevalente no início do período moderno e no século XIX. Por outro lado, há uma ausência notável de uma orientação contemporânea que inclua as recepções predominantemente apolíticas e comercialmente influenciadas de hoje. Terminar tradições de narrativas históricas politicamente motivadas, no entanto, é uma característica crucial da cultura histórica da República Federal. Entender essa relevância oferece insights altamente relevantes sobre a autopercepção (histórica) da

sociedade alemã. O que começou como um exercício de definição e estabilização de uma identidade nacional agora deu lugar ao treinamento metódico e à desconstrução histórica. Só o tempo dirá se a história germânica e uma figura como Armínio manterão influência normativa. As reviravoltas da história da recepção proíbem excluir tal possibilidade. Considerando os desenvolvimentos políticos cruciais e o potencial restrito de mobilização da antiguidade, no entanto, isso parece improvável.

5. Armínio 2024 d.C.

As observações anteriores poderiam ser elaboradas mais a fundo, por exemplo, estendendo-as a outras mídias. Antes de 1945, por exemplo, Armínio estava presente em jogos de tabuleiro e romances históricos (Lindner, 2018). Hoje, ele é usado em publicidade, merchandising e livros infantis, entre outras coisas. Como discutimos em outro lugar (Steffensen, 2023; Lindner, a ser publicado), mesmo nessas esferas restantes de presença, sua relevância geral é baixa em comparação ao período pré-1945. A apresentação é separada da autodepreciação como regra; as poucas exceções parecem ser devidas à ingenuidade.

Nos últimos anos, partidos de direita recuperaram força no cenário político alemão, acima de tudo a Alternativa para a Alemanha (AfD). Em muitos aspectos, a AfD se baseia em ideologias da primeira metade do século XX, por exemplo, em debates sobre cultura e identidade. No entanto, diferentemente do Vox na Espanha com os celtíberos, por exemplo, ele não se baseia em referências antigas. Pelo contrário, ele se distancia da tradição clássica da educação para utilizar preconceitos contra elites intelectuais e, ao mesmo tempo, alegar focar na *realpolitik* atual. Armínio, portanto, não tem lugar no discurso político atual da Alemanha.

Todas as coisas germânicas continuam a ter apelo em certas áreas da cultura popular politicamente motivada, por exemplo, na música rock radical de direita e em gêneros específicos de heavy metal. No entanto, esse fenômeno não se limita expressamente à Alemanha (Heinen, 2017; Seibt et al., 2021). Mesmo nos casos em que as publicações em questão não são proibidas pelas autoridades alemãs, devido à linguagem e ao simbolismo justiciáveis, a disseminação é limitada. Armínio é praticamente irrelevante de qualquer maneira nesses gêneros musicais.

Gerações anteriores buscavam um elo com as antigas tribos germânicas e inventavam narrativas e explicações ousadas, se necessário. Hoje em dia, Armínio, em particular, não parece ser capaz de retornar a esse status.

Referências bibliográficas

BERGMANN, Klaus. *Multiperspektivität*. Third Edition. Schwalbach/Ts.: Wochenschau, 2016.

DERKS, Heidrun et al. ... und keine Frage offen: Die neue Dauerausstellung in Kalkriese. In: VARUSSCHLACHT IM OSNABRÜCKER LAND GMBH – MUSEUM UND PARK KALKRIESE (ed.). *Varusschlacht im Osnabrücker Land: Museum und Park Kalkriese*. Mainz: Philipp von Zabern, 2009, 242–249.

DOYÉ, Werner M. Arminius. In: FRANÇOIS, Etienne; SCHULZE, Hagen (eds.). *Deutsche Erinnerungsorte*. Vol. 3. München: C.H. Beck, 2001, 587–602.

FENN, Monika; ZÜLSDORF-KERSTING, Meik (eds.). *Geschichts-Didaktik*. Berlin: Cornelsen, 2023.

FOCKE-MUSEUM (org.). *Graben für Germanien: Archäologie unterm Hakenkreuz*. Stuttgart: Theiss, 2013.

FRANK, Stefanie M. *Wiedersehen im Wirtschaftswunder: Remakes von Filmen aus der Zeit des Nationalsozialismus in der Bundesrepublik 1949–1963*. Göttingen: V&R unipress, 2017.

GIES, Horst. *Richard Walther Darré: Der „Reichsbauernführer“, die nationalsozialistische „Blut und Boden“-Ideologie und Hitlers Machteroberung*. Köln: Böhlau, 2019.

GRUNDWALD, Susanne; HOFMANN, Kerstin P. Wer hat Angst vor den Germanen? In: UELSBERG, Gabriele; WEMHOFF, Matthias (eds.). *germanen: Eine archäologische Bestandsaufnahme*. Darmstadt: wbg Theiss, 2020, 482–503.

GUYER, Mike; GIGON, Annette. Museum und Park Kalkriese: Architektur und Landschaftsarchitektur. In: VARUSSCHLACHT IM OSNABRÜCKER LAND GMBH – MUSEUM UND PARK KALKRIESE (ed.). *Varusschlacht im Osnabrücker Land: Museum und Park Kalkriese*. Mainz: Philipp von Zabern, 2009, 232–241.

HEINEN, Serina. *„Odin rules“: Religion, Medien und Musik im Pagan Metal*. Bielefeld: transcript, 2017.

HICKETHIER, Knut. *Geschichte des deutschen Fernsehens*. Stuttgart: Metzler, 1998.

HINZ, Felix. *Historische Mythen im Geschichtsunterricht: Theorie und Zugriffe für die Praxis*. Frankfurt a.M.: Wochenschau, 2023.

HORN, Heinz-Günter. Varus im 21. Jahrhundert: Zur kulturpolitischen Gestaltung des Varus-Jubiläums. In: BALTRUSCH, Ernst et al. (eds.). *2000 Jahre Varusschlacht: Geschichte – Archäologie – Legenden*. Berlin/Boston: De Gruyter, 2012, 423–436.

HOSFELD, Rolf; PÖLKE, Hermann. *Die Deutschen 1945 bis 1972: Leben im doppelten Wirtschaftswunderland*. München: Piper, 2006.

JEISMANN, Karl-Ernst. Didaktik der Geschichte. Das spezifische Bedingungsfeld des Geschichtsunterrichts. In: BEHRMANN, Günter C.; Idem; H. SÜSSMUTH, Hans (eds.). *Geschichte und Politik: Didaktische Grundlegung eines kooperativen Unterrichts*, Paderborn: UTB, 1978, 50–76.

JEISMANN, Karl-Ernst. Geschichtsbewußtsein. In: BERGMANN, Klaus et al. (eds.). *Handbuch der Geschichtsdidaktik*. Vol. 1. Düsseldorf: Schwann, 1979, 42–45.

JEISMANN, Karl-Ernst. „Geschichtsbewußtsein“ als zentrale Kategorie der Didaktik des Geschichtsunterrichts. In: Idem. *Geschichte und Bildung: Beiträge zur Geschichtsdidaktik und zur Historischen Bildungsforschung*. Paderborn et al.: Schöningh, 2000, 46–72.

JÜRGENS, Yvonne. Von „blutgetränkten Böden“ und „ungelösten Rätseln“: Die Varusschlacht in den überregionalen Print-Medien. In: VARUSSCHLACHT IM OSNABRÜCKER LAND GMBH – MUSEUM UND PARK KALKRIESE (eds.). *Varusschlacht im Osnabrücker Land: Museum und Park Kalkriese*. Mainz: Philipp von Zabern, 2009, 222–231.

KREBS, Christopher B. *A Most Dangerous Book: Tacitus's Germania from the Roman Empire to the Third Reich*. New York: Norton, 2011.

LEUBE, Achim; HEGEWISCH, Morten (eds.). *Prähistorie und Nationalsozialismus: Die mittel- und osteuropäische Ur- und Frühgeschichtsforschung in den Jahren 1933–1945*. Heidelberg: Synchron, 2002.

LEVIN, David J. *Richard Wagner, Fritz Lang, and the Nibelungen: The Dramaturgy of Disavowal*. Princeton: PUP, 1998.

LINDNER, Martin. Germania Nova: Das antike Germanien in neuen deutschen (Dokumentar-)Filmen. In: Idem. *Antikenrezeption 2013 n. Chr.* Heidelberg: Verlag Antike, 2013, 107–142.

LINDNER, Martin. Winning History: Nationalistic Classical Reception in 19th Century German Board and Card Games. In: DUPLA ANSUATEGUI, Antonio et al. (eds.). *Antigüedad clásica y naciones modernas en el Viejo y el Nuevo Mundo*. Madrid: Ediciones Polifemo, 2018, 183–210.

LINDNER, Martin. Der Krieg der Töpfe: Rom und die ‚germanische‘ Alltagsgeschichte in deutschen Filmen der 1930er Jahre. In: MATIJEVIĆ, Krešimir (ed.). *Wirtschaft und Gesellschaft in der späten Römischen Republik: Fachwissenschaftliche und fachdidaktische Aspekte*. Gutenberg: Scripta Mercaturae, 2020, 199–227.

LINDNER, Martin. Conditionally Heroic: Arminius the Meme. Forthcoming.

LINSE, Ulrich. Der Film „Ewiger Wald“ oder die Überwindung der Zeit durch den Raum: Eine filmische Umsetzung von Rosenbergs „Mythus des 20. Jahrhunderts“. In: HERRMANN, Ulrich; NASSEN, Ulrich (eds.). *Formative Ästhetik im Nationalsozialismus: Intentionen, Medien und Praxisformen totalitärer ästhetischer Herrschaft und Beherrschung*. Weinheim: Beltz, 1993, 57–75.

LOSEMANN, Volker. Nationalistische Interpretationen der römisch-germanischen Auseinandersetzung. In: WIEGELS, Rainer; WOESLER, Winfried (ed.). *Arminius und die Varusschlacht: Geschichte – Mythos – Literatur*. Paderborn: Schöningh, 1995, 419–432.

LOSEMANN, Volker. Denkmäler, völkische Bewegung und Wissenschaft: Die römisch-germanische Auseinandersetzung in der Sicht des 19. und 20. Jahrhunderts. In: SCHNEIDER, Helmuth (ed.). *Feindliche Nachbarn: Rom und die Germanen*. Köln/Weimar/Wien: Böhlau, 2008, 229–270.

LWL-RÖMERMUSEUM IN HALTERN AM SEE (ed.). *2000 Jahre Varusschlacht – Imperium*. Stuttgart: Theiss, 2009.

MOOSBAUER, Günther. *Die Varusschlacht*. München: C.H. Beck 2009.

MOOSBAUER, Günther. Die Ausgrabungen von Kalkriese und die neue Rezeption der „Varusschlacht“. In: WIEGELS, Rainer; WELKER, Karl H. L. (eds.). *Verschlungene Pfade: Neuzeitliche Wege zur Antike*. Rahden/Westf.: Marie Leidorf, 2011, 43–56.

MUHLACK, Ulrich. Die Germania im deutschen Nationalbewusstsein vor dem 19. Jahrhundert. In: Idem. *Staatensystem und Geschichtsschreibung: Ausgewählte Aufsätze zu Humanismus und Historismus, Absolutismus und Aufklärung*. Berlin: Duncker und Humblot, 2006, 274–299.

MUSEUM KALKRIESE. URL: <https://www.kalkriese-varusschlacht.de/index.html> (rev. 17.05.2024).

ONKEN, Björn. Der Hermannsmythos in deutschen Schulbüchern von 1800 bis 2000, in: BERNHARD, Roland et al. (eds.). *Mythen in deutschsprachigen Geschichtsschulbüchern*. Göttingen: V&R unipress, 2017, 59–90.

PFEILSCHIFTER, Rene. Nekrolog Dieter Timpe (1931–2021), *Historische Zeitschrift*. Berlin: De Gruyter, 315, 2022, 385–394.

PUSCHNER, Uwe. Die Germanenideologie im Kontext der völkischen Weltanschauung. *Göttinger Forum für Altertumswissenschaft*. Heidelberg: Propylaeum, 4, 2001, 85–97.

ROHLFES, Joachim. Geschichtsunterricht und Geschichtsdidaktik von den 50er bis zu den 80er Jahren. In: VERBAND DER GESCHICHTSLEHRER DEUTSCHLANDS (ed.). *Geschichtsunterricht und Geschichtsdidaktik vom Kaiserreich bis zur Gegenwart: Festschrift des Verbandes der Geschichtslehrer Deutschlands zum 75jährigen Bestehen*. Stuttgart: Klett, 1988, 154–170.

RÜSEN, Jörn. Das ideale Schulbuch. Überlegungen zum Leitmedium des Geschichtsunterrichts. *Internationale Schulbuchforschung*. Hannover: Hahnsche Buchhandlung, 14, 1992, 237–250.

RÜTTGERS, Jürgen. Grußwort. In: LWL-RÖMERMUSEUM IN HALTERN AM SEE, 2009, 14.

SAMBLEBE, Karin W. F. Nationaler Mythos in Westernmanier: Figurenkonzeption als Authentizitätsstrategie in Harald Reinls *Die Nibelungen* (1966). In: MEIER, Mischa; SLANICKA, Simona (eds.). *Antike und Mittelalter im Film: Konstruktion – Dokumentation – Projektion*. Cologne: Böhlau, 2007, 283–299.

SANDKÜHLER, Thomas. Die Geschichtsdidaktik der Väter: Zur Kulturgeschichte der 70er Jahre. In: WILDT, Michael (ed.). *Geschichte denken: Perspektiven auf die Geschichtsschreibung heute*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2014, 260–279.

SANDKÜHLER, Thomas et al. (eds.). *Geschichtsunterricht im 21. Jahrhundert: Eine geschichtsdidaktische Standortbestimmung*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2018.

SCHMAUDER, Michael; WEMHOFF, Matthias. Vorwort. In: UELSBERG, Gabriele; WEMHOFF, Matthias (eds.). *Germanen. Eine archäologische Bestandsaufnahme*. Darmstadt: wbg Theiss, 2020, 14–17.

SCHULTE, Rolf; STELLO, Benjamin (eds.). *Buchners Kolleg Geschichte. Ausgabe für Schleswig-Holstein. Qualifikationsphase*. Bamberg: C.C. Buchner, 2017.

SEIBT, Oliver et al. (eds.). *Made in Germany: Studies in Popular Music*. London: Routledge, 2021.

SÉNÉCHEAU, Miriam. Die Germanen sind wieder da: Archäologische, didaktische und gesellschaftspolitische Perspektiven auf ein altes Thema in neuen Lehrwerken. *Archäologische Informationen*. Kerpen-Loogh: Verlag Deutsche Gesellschaft für Ur- und Frühgeschichte, 35, 2012, 219–234.

SIEVERTSEN, Dirk. Zur Darstellung der Germanen in den Schulbüchern zwischen 1900 und 1945. In: WIEGELS, Rainer; WELKER, Karl H. L. (eds.). *Verschlungene Pfade: Neuzeitliche Wege zur Antike*. Rahden/Westf.: Marie Leidorf, 2011, 83–167.

SIEVERTSEN, Dirk. *Die Deutschen und ihre Germanen. Germanendarstellungen in Schulgeschichtsbüchern von 1871 bis 1945*. Rahden/Westf.: Marie Leidorf, 2013.

STEFFENSEN, Nils. Von Hermann zu Zwermann: Arminius im problemorientierten Geschichtsunterricht. In: *Varus-Kurier*. Georgsmarienhütte: Varus-Gesellschaft, 25, 2023, 28–36.

STERN, Tom. Archäologiefilme als Propagandainstrument der NS-Diktatur: Eine Auswahl. In: BECK, Erik; TIMM, Arne (eds.). *Mythos Germanien: Das nationalsozialistische Germanenbild in Schulunterricht und Alltag der NS-Zeit*. Dortmund: Westfälisches Schulmuseum, 2015, 74–83.

STEUER, Ingo (ed.). *Zur Geschichte der Gleichung „germanisch – deutsch“: Sprache und Namen, Geschichte und Institutionen*. Berlin: De Gruyter, 2004.

TIMPE, Dieter. *Arminius-Studien*. Heidelberg: Winter, 1970.

TIMPE, Dieter. Geographische Faktoren und politische Entscheidungen in der Geschichte der Varuszeit. In: WIEGELS, Rainer; WOESLER, Winfried (ed). *Arminius und die Varusschlacht: Geschichte – Mythos – Literatur*. Paderborn: Schöningh, 1995, 13–27.

TIMPE, Dieter. Die Schlacht im Teutoburger Wald: Geschichte, Tradition, Mythos. In: SCHLÜTER, Wolfgang; WIEGELS, Rainer (eds.). *Rom, Germanien und die Ausgrabungen von Kalkriese*. Osnabrück: Universitätsverlag Rasch, 1999, 717–737.

VAN LAAK, Lothar. „Ihr kennt die deutsche Seele nicht“: Geschichtskonzeption und filmischer Mythos in Fritz Langs *Nibelungen*. In:

MEIER, Mischa; SLANICKA, Simona (eds.). *Antike und Mittelalter im Film: Konstruktion – Dokumentation – Projektion*. Cologne: Böhlau, 2007, 267–82.

VARUSSCHLACHT IM OSNABRÜCKER LAND GMBH – MUSEUM UND PARK KALKRIESE (ed.). *Varusschlacht im Osnabrücker Land: Museum und Park Kalkriese*. Mainz: Philipp von Zabern, 2009, 222–231.

VIEREGGE, Elmar. 2000 Jahre Varusschlacht: Welche Bedeutung hat Arminius für den Rechtsextremismus? In: MÖLLERS, Martin H. W.; VAN OOOYEN, Robert Chr. (eds.). *Jahrbuch Öffentliche Sicherheit 2010/2011*. Frankfurt a.M.: Verlag für Polizeiwissenschaft, 2011, 165–172.

VÖLKER, Cornelius et al. Monumental, magisch, maßlos: *Deutschland im Jahr 9! Die Hermannschlacht*, der Spielfilm. *Grabbe-Jahrbuch*. Bielefeld: Aisthesis, 15, 1996, 38–47.

VON GOLDENDACH, Walter; MINOW, Hans-Rüdiger. „*Deutschtum erwache!*“: *Aus dem Innenleben des staatlichen Pangermanismus*. Berlin: Dietz, 1994.

VON SEE, Klaus. *Barbar, Germane, Arier: Die Suche nach der Identität der Deutschen*. Heidelberg: Winter, 1994.

VON SEE, Klaus. *Freiheit und Gemeinschaft. Völkisch-nationales Denken in Deutschland zwischen Französischer Revolution und Erstem Weltkrieg*. Heidelberg: Winter, 2001.

WENSKUS, Reinhard. *Stammesbildung und Verfassung: Das Werden der frühmittelalterlichen gentes*. Köln: Böhlau, 1961.

WIEGELS, Rainer. Vorwort. In: Idem (ed.). *Die Varusschlacht: Wendepunkt der Geschichte?* Stuttgart: Theiss, 2007, 7.

WIEGELS, Rainer. Der Ort der „Schlacht im Teutoburger Wald“ in der historischen Erinnerung In: Idem; WELKER, Karl H. L. (eds.). *Verschlungene Pfade: Neuzeitliche Wege zur Antike*. Rahden/Westf.: Marie Leidorf, 2011, 25–42.

WINKLER, Martin M. From Roman History to German Nationalism: Arminius and Varus in *Die Hermannschlacht* (1924). In: MICHELAKIS, Pantelis; WYKE, Maria (eds.). *The Ancient World in Silent Cinema*. Cambridge: CUP, 2013, 297–312.

WINKLER, Martin M. *Arminius the Liberator: Myth and Ideology*. Oxford: OUP, 2016.

WIWJORRA, Ingo. *Der Germanenmythos: Konstruktion einer Weltanschauung in der Altertumforschung des 19. Jahrhunderts*. Darmstadt: WBG, 2006.

WOLTERS, Reinhard. *Die Römer in Germanien*. Fifth Edition. München: C.H. Beck, 2006.

ZECHNER, Johannes. „Ewiger Wald und ewiges Volk“: *Die Ideologisierung des deutschen Waldes im Nationalsozialismus*. Freising: Trepl, 2006.